

CAMINHANDO PAISAGENS: RELAÇÕES, PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES NO ENCONTRO ENTRE CIDADE E NATUREZA

VALENTINA MACHADO¹; FLAVIA MARIA SILVA RIETH²

¹*Universidade Federal de Pelotas – valentina.rigon.machado@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Através de percursos urbanos a pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Antropologia busca entender as relações presentes nos espaços urbanos de bordas molhadas refletindo sobre as possibilidades de resgate da rede hídrica fazendo com que estes lugares voltem a fazer parte do imaginário da população. Os rios e arroios possuem importância histórica e cultural para a cidade de Pelotas e são considerados elementos estruturadores da paisagem urbana que definem a perspectiva de afeto, pertencimento e identidade.

A partir da aproximação entre as teorias da antropologia das águas (TEIXEIRA e QUINTELA, 2011) e do urbanismo ecológico contemporâneo (MOSTAFAVI e DOHERTY, 2009) se propõe um estudo etnográfico que pretende contribuir para a construção de um outro olhar para a cidade e suas águas.

A proposta do trabalho é percorrer os espaços de borda do Canal São Gonçalo e seu entorno olhando para as relações socionaturais considerando a questão da paisagem como uma questão política (LITTLE, 2006), buscando contribuir para a construção de um pensamento sistêmico transdisciplinar ainda pouco incorporado nos estudos urbanos.

Seguindo uma corrente do urbanismo contemporâneo aliado ao método etnográfico (PEIRANO, 1995), resultando em um estudo prático, se pretende experimentar estas paisagens (INGOLD, 2011) por meio de caminhadas (CARERI, 2013).

O problema desta pesquisa centra-se no questionamento de como se dão as relações e interações socionaturais nas bordas molhadas da cidade, especialmente entre os moradores das comunidades pesqueiras artesanais (NUNES, 2021) das margens do Canal São Gonçalo.

É necessário apreender o espaço não apenas em sua dimensão física (materialidade), mas empreender uma viagem simbólica através da construção de uma narrativa que recupere a história das águas da cidade, as relações que permeiam estes espaços, as permanências e transformações sofridas ao longo do tempo.

O objetivo geral da pesquisa é investigar as relações entre os indivíduos e a natureza residual nas bordas molhadas da cidade de Pelotas. Como objetivos específicos se propõe estudar o tratamento dado aos cursos d'água da cidade, experimentar por caminhadas as bordas molhadas do canal mapeando processos e espaços de encontro, compreender se existem vínculos entre as pessoas e a natureza e relatar o percurso das águas buscando uma narrativa sensível da paisagem.

2. METODOLOGIA

O trabalho se constrói tendo por base os referenciais etnográficos (MALINOWSKI, 1978), por ser uma pesquisa de campo que permite um aprofundamento do estudo dos modos de ser e habitar. O interesse é se aproximar da cidade (ROCHA e ECKERT, 2013) investigando a partir de uma experiência corporal e não através de mapas e representações como se faz tradicionalmente na área da arquitetura e urbanismo.

Outra vertente da metodologia inclui caminhadas exploratórias, que proporcionam um maior contato com as áreas de interesse privilegiando a observação participante (FOOTE-WHITE, 1990), e que irão gerar descrições em caderno de campo, entrevistas, geração de imagens e mapas sensíveis (DELEUZE e GUATTARI, 1995) com a colaboração de interlocutores. O trabalho abrange ainda uma pesquisa dos dados estatísticos, históricos e geográficos da área de estudo resgatando as diferentes temporalidades que formam esta paisagem (ROCHA, 2021).

As caminhadas (CARERI, 2013) pelas bordas permitem criar conexões com as pessoas para entender as relações que elas estabelecem com os espaços, tudo aquilo que não aparece delineado em mapas oficiais. Desta forma esta etnografia se interessa pelas relações entre a cidade e seus cursos d'água (PEIXOTO e SILVEIRA, 2019), desvendadas a partir da experiência itinerante como forma de compreensão e apreensão da cidade.

Importa ainda trazer ao debate a necessidade de se pensar o diálogo entre o urbanismo e a antropologia através de um método que coloca o corpo da pesquisadora à deriva (JACQUES, 2012) em busca das relações que compõe os espaços fronteiriços entre a cidade e as águas, mapeando processos, práticas e discursos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em maio deste ano foi realizada uma caminhada nas margens do Canal São Gonçalo, na região do Pontal da Barra na praia do Laranjal, priorizando o encontro, a vivência do pesquisador junto ao universo a ser investigado buscando olhar, ouvir e escrever (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006).

É outono, faz frio e venta forte, a água da laguna está cristalina. Nossa caminhada tem início no trapiche da Praia do Laranjal, seguindo o trajeto rumo à comunidade de pescadores do Pontal da Barra. Caminhamos discutindo as mudanças na paisagem da borda e refletindo sobre o próprio caminho, a estrada que conecta a comunidade à praia, em como esta estrada se desfaz e refaz por ocasião das cheias da laguna. Uma borda que transborda.

Apesar de ter sido moradora da praia por sete anos, me sinto agora estrangeira, tudo me parece novo e diferente, o lugar é outro. A percepção sonora atravessa a experiência sensível, o som dos juncos acariciados pelo vento, o barulho das ondas na beira da laguna, o ruído das aves assinalam que a forças da natureza nos acompanham, não estamos sós.

Uma estátua no meio do capim alto chama minha atenção, seu olhar está para as águas, como alguém que as guarda. Dizem que é um Bará, o que nos revela a presença das religiões de matriz africana. À medida que avançamos pela paisagem surgem as primeiras construções do vilarejo de pescadores, são prédios de alvenaria que servem de comércio do pescado local. As residências

são em sua maioria elevadas, construídas de forma a serem protegidas das cheias que frequentemente assolam as áreas de várzea.

Vamos ao encontro de Dona Rosa, uma das moradoras mais antigas do lugar, dona do bar local, figura muito respeitada na comunidade, nos fala da sua vida e dos seus descendentes, em como a vida de pescador é sofrida, que não quer isso para os netos, ela comenta “*tomara que meu neto não seja pescador, pescador é um serviço sofrido, fica velho muito novo. Olha um guri que trabalha num escritório e olha outro que trabalha no mar... frio, vento, chuva, perigando virar o barco, perigando morrer no mar... a gente não quer isso para os filhos*”.

Quando questionada sobre como é morar na beira da laguna, Dona Rosa vai nos dizer que “é muito bom, é tranquilo e sem violência. É muito bom aqui, tu não tem noção, eu prefiro morar aqui do que na cidade, na cidade é muito roubo e muito assalto, aqui não, todo mundo é conhecido”.

Conforme a narrativa de Dona Rosa podemos traçar as primeiras pistas sobre como é viver nesse lugar, apesar das dificuldades que ela nos relata, fica claro que se trata de uma relação muito forte de pertencimento, que envolve afetividade com esta paisagem.

Encontramos também com Leandro, morador de uma região mais isolada ao fundo do Pontal, está ali há mais de 30 anos e nos conta que é pescador durante a safra, e que no inverno ele segue para trabalhar na construção civil na praia do Laranjal. Vive em uma área sem acesso à água, onde compartilha o espaço com capivaras, ratos do banhado, cobra verde, cruceira, comenta que está ali resistindo, que já há muito tempo convive com a ameaça de ter que abandonar sua casa porque esta região é muito visada pelos grandes empreendimentos imobiliários e que existe um projeto de loteamento para o local, ele diz que a cidade está “engolindo tudo”.

A partir dessa aproximação com o campo percebemos alguns dos processos que (trans)formam esta paisagem assim como as relações das pessoas com o lugar. Estas pistas que seguiremos nos apontam o Pontal da Barra como lugar de forte identidade social, um lugar de sustento, um símbolo de resistência, luta ambiental e disputa por distintos modos de habitar a cidade.

4. CONCLUSÕES

Com a experiência sensível no Pontal da Barra entendemos que a caminhada nos permite habitar a paisagem (INGOLD, 2011) durante o trajeto, constatação que vai ao encontro do pensamento de BESSE (2014) que concebe a paisagem como “o acontecimento do encontro concreto entre o homem e o mundo que o cerca”, sendo esse encontro uma experiência – experiência de paisagem.

O ato de caminhar ainda promove que seja feita uma reflexão crítica (KRENAK, 2020) a respeito das possibilidades de integração da população com a paisagem. Para CARERI (2017) “a arte de ir ao encontro de alguém produz conhecimento recíproco entre as pessoas que se movem em nosso novo mundo e nos ajuda a imaginar, com elas, outra maneira de habitá-lo”.

A borda das águas urbanas, a partir da experiência corporal da pesquisadora urbanista antropológica, passa a ter sua paisagem vista como um entrelaçamento da memória e do imaginário de seus habitantes, como um emaranhado de vidas (INGOLD, 2012). Ocupar a borda com as pessoas que nela habitam proporciona um novo entendimento sobre estes territórios dentro da área

dos estudos urbanos e antropológicos a partir de um conhecimento corporificado dinâmico e não mais estático a partir apenas da análise de mapas e representações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2006. (Pp. 17-35)
- CARERI, Francesco. **Walkscapes. O caminhar como prática estética**. São Paulo: Loyola, 2013.
- CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: G. Gili, 2017
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. (Tradução de Aurélio Guerra Neto. In: **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1 São Paulo: Editora 34 Ltda, 1995 [1980]
- FOOTE-WHITE, W. Treinando a observação participante. In: **ZALUAR, Alba. Desvendando máscaras sociais**. Rio de janeiro: Francisco Alves, 1990.
- INGOLD, Tim. **Estar vivo - Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- INGOLD, Tim. **Trazendo as Coisas de Volta à Vida**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n.37, p. 25-44, jan./jun. 2012.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador : EDUFBA, 2012
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2020
- LITTLE, Paul Elliot. **Ecologia Política como Etnografia: Um guia teórico e metodológico**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 85-103, jan./jun. 2006.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Coleção Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MOSTAFAVI, Mohsen; DOHERTY, Gareth. (Org). **Urbanismo Ecológico**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2009.
- NUNES, Juliana dos Santos. “**Pra fora também é a Lagoa**”: Uma etnografia poética das águas na fronteira Brasil-Uruguai. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-graduação em Antropologia, UFPel, Pelotas, 2021.
- PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1995.
- PEIXOTO, Beatriz; SILVEIRA, Flávio Leonel. **Da água a palavra: uma reflexão sobre as relações entre cidade e cursos d’água em Salvaterra a partir da memória de seus habitantes**. Ponto Urbe 24, 2019.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia (Org.). **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2013.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Paisagens hídricas e memória ambiental: sobre imaginários e identidades uma etnografia de águas urbanas no Landwehrkanal, Berlim, Alemanha. **Tempo e Memória Ambiental: etnografia da duração das paisagens citadinas**. Publicações ABA, 2021
- TEIXEIRA, Carla; QUINTELA, Maria Manuel. **Antropologia e água: perspectivas plurais**, Anuário Antropológico, v.36 n.1 | 2011, 9-22